

Sobe para 86 número de vítimas

★ Governo provincial envia apoio aos familiares das vítimas

por Gil Lauriciano, enviado da AIM

Sobiu para 86 o número de pessoas indefesas barbaramente assassinadas às primeiras horas da última segunda-feira, em mais um acto criminoso perpetrado pelos bandidos armados do regime racista de Pretória contra a vila-sede de Manjacaze, na província de Gaza, informou à nossa Redacção o repórter da AIM, Sérgio Ngoca, em contacto telefónico feito às 22.50 horas de ontem, a partir da cidade de Xai-Xai. Entretanto, outro repórter da AIM, Gil Lauriciano, que chegou a Manjacaze um dia depois do assalto terrorista, faz um relato mais circunstanciado sobre os momentos de horror e de angústia vividos pela população local, bem assim como a resposta imediata por parte das estruturas provinciais do Partido, Estado e das FPLM, que mobilizaram todos os meios disponíveis para socorrer os feridos e minimizar, na medida do possível, a profunda dor e mágoa que se abateram uma vez mais no seio da família moçambicana. A seguir reproduzimos o relato elaborado pela Reportagem da AIM.

Cheguei a Manjacaze com o repórter-fotográfico da AIM, Lázaro Mueche, ao fim da tarde de terça-feira. A vila estava vazia. Ao longo dos 53 quilómetros de estrada de terra batida que liga Manjacaze a Xai-Xai, vimos milhares de pessoas de trouxa às costas caminhando em direcção de Xai-Xai. Fugiam de Manjacaze procurando a segurança na capital provincial. Alguns camiões de privados transportavam feridos.

A primeira evidência do que se passou na vila transparece nos edifícios que estão quase todos danificados.

Testemunhas disseram à AIM que os bandidos vinham «muito bem armados», com morteiros de 60 e 82 mm, barcoas e armas ligeiras.

Na vila vi sete dos bandidos abatidos pelas FPLM. Estavam ainda com as suas armas e carregadores. Tinham alguns dos sinais que — para além dos seus métodos — costumam identificá-los: panos vermelhos ao pescoço e vários adornos de feitiçaria em diversas partes do corpo.

Na Pediatria do hospital local, das 28 crianças que estavam internadas domingo à noite, apenas duas restavam. As outras eram dadas como desaparecidas até terça-feira de manhã.

Vi também 11 civis mortos espalhados por locais dentro da vila. Quando eu e Lázaro Mueche quisemos circular dentro da vila alertavam-nos que os bandidos tinham espalhado minas à volta das casas e nos caminhos. Durante a noite de terça para quarta ouvimos quatro explosões. Soubamos mais tarde que 4 pessoas tinham pisado minas e haviam perdido as suas pernas.

Socorristas da Cruz Vermelha de Moçambique percorriam Manjacaze com o apoio de peritos militares. A medida que a vila ia sendo desminada iam-se encontrando mais cadáveres dentro e fora das casas.

Os bandidos tinham também espalhado pelo terreno canetas armadilhadas. Felizmente, o alarme foi dado a tempo e parece que ninguém pegou nelas. Vi uma dessas canetas, colorida e convidativa ao uso, a tampa serve de percutor e ostenta as letras «USA».

A maior parte dos mortos já estava na morgue ao fim de segunda-feira. Familiares de pessoas desaparecidas passavam terça-feira pela morgue tentando identificar elementos das suas famílias ou amigos.

Quarta de manhã vimos muitos cadáveres em diversas partes da vila, em locais já desminados, e Lázaro Mueche fotografou o enterro de 11 pessoas numa vala comum.

Muita gente foi morta junto à fábrica de castanha ligeiramente deslocada do centro da vila. A fábrica não foi

destruída mas a sua central eléctrica, assim como a da vila, foram dinamitadas.

Os bandidos raptaram muitos dos habitantes locais para utilizarem como transportadores dos produtos roubados no armazém distrital e noutras lojas que assaltaram. Na vila, terça-feira, temia-se que muitos dos raptados tenham sido assassinados na caminhada como aconteceu depois do massacre em Homoine e como tem acontecido sempre que os bandidos raptam gente.

Segundo testemunhas, os bandidos traziam consigo vários jovens, também armados, que aparentemente ter menos de 15 anos de idade.

Quando deixamos Manjacaze ao princípio da tarde de quarta-feira já 34 pessoas tinham sido enterradas.

O Administrador Langene disse à AIM que provavelmente mais corpos serão encontrados na Lagoa Sufe que banha a vila. Segundo ele, foi a única área não cercada pelos bandidos e muita gente deve ter fugido para lá. É possível que algumas pessoas se tenham afogado.

A Manjacaze já chegaram camiões com mantimentos e roupas para os familiares das vítimas e para os sobreviventes numa acção que está a ser coordenada e dinamizada pelo Governo Provincial.

Uma fonte militar do Gaza disse à

AIM que os bandidos aparentam ter como «prioridade» atacar os distritos de Manjacaze, Guijá, Chókvo e Chibuto.

No Hospital de Xai-Xai, até quarta-feira à tarde, havia 25 feridos.

Na sua retirada, os bandidos dividiram-se em vários grupos, sendo perseguidos pelas FPLM. Na noite de terça para quarta ouvimos os sons inconfundíveis de combates a uns 13 quilómetros de Manjacaze.

Um dos bandidos mortos é identificado como um dos cabecilhas que dá pelo nome de «Major André». O seu corpo foi encontrado dentro da vila conjuntamente com os outros nove bandidos abatidos.



A imagem, de Alfredo Mueche, reporta-se ao enterro de algumas das vítimas do bárbaro massacre, em Manjacaze